



## VYGOTSKI E O PAPEL DA LINGUAGEM ENQUANTO UM FENÔMENO HISTÓRICO-SOCIAL

Vol. I nº 1 jan./jun. 2006

p. 139-142

*Elisabeth Rossetto*<sup>1</sup>

A compreensão quanto ao papel da linguagem enquanto fenômeno social numa perspectiva histórico-cultural se dará com base nos fundamentos de Vygotski<sup>2</sup>, ressaltando a importância atribuída à linguagem no processo de humanização.

Dentre as teorias psicológicas que contribuem para diversos estudos no campo da educação, esse autor, nos auxilia a melhor compreender o desenvolvimento humano a partir das relações historicamente determinadas. Assim, percebe-se que Vygotski torna-se referência para um número cada vez maior de educadores, o que indica a necessidade de aprofundamento de seus estudos, bem como ressaltar-se a importância dos temas por ele desenvolvidos.

A abordagem histórica da linguagem teve início no século XVIII, entretanto, o grande impulso ocorreu no Século XIX, constituindo-se ao longo dos anos, objeto de estudo de várias ciências, como por exemplo, a psicologia, a filosofia, a lingüística, entre outras. Porém, a importância da linguagem aparece com maior ênfase no século XX, tanto que alguns autores consideram como sendo impossível pensar sobre algo sem pensar na linguagem, uma vez que desde então se evidencia, a clara convicção de que a palavra linguagem é o espaço da expressividade do mundo. E no caso da filosofia contemporânea, volta-se, principalmente para a significação ou para o sentido das expressões lingüísticas, não priorizando apenas as questões relacionadas à consciência ou à razão ou ainda, à essência das coisas.

Nos últimos séculos, a tradicional teoria do conhecimento, prioridade da filosofia, vem sendo substituída pelo filosofia da linguagem, disciplina filosófica a qual tem como objetivo uma reflexão sobre as condições lingüísticas do conhecimento humano.

Nessa perspectiva, segundo Oliveira (1996), o conhecimento não é mais compreendido a partir do isolamento dos pólos sujeito-objeto, mas produto de um processo interativo, centrado na interação sujeito-objeto. Essa ênfase dada a linguagem ocorre de tal maneira, que se diz ter ocorrido uma mudança lingüística nas ciências sociais e particularmente na linguagem como agente fundamental para o desenvolvimento da consciência. Portanto, se remetermos nossos estudos a alguns clássicos se evidencia que o interesse do ser humano pela linguagem não é recente.

Chauí compreendendo a linguagem como criação humana, a pontua como uma forma de acessar o mundo e o pensamento; uma vez que através da linguagem, é possível compreender e apreender as características dos fatos e objetos da realidade. Em suas palavras, “dizer que somos seres falantes significa dizer que temos e somos linguagem, que ela é uma criação humana (uma instituição sócio-cultural) ao mesmo tempo que nos cria como humanos (seres sociais e culturais)” (1997, p.147).

Assim, as investigações em torno dessa temática, como por exemplo, o que é linguagem, qual a sua importância, como nos apropriamos da linguagem, são cada vez mais intensas e fazem parte de um repertório extenso e diversificado que envolve diversas tendências teóricas da atualidade. Historicamente aparecem duas tendências, uma de caráter objetivista e outra subjetivista e ambas, segundo Vygotski (1991), não conseguem apreender o homem como sujeito histórico-social o qual vive através da realização de constantes trocas e a partir de influências com o seu mundo. Esses autores rejeitam essas duas concepções, ao considerarem que a psicologia deve estudar, através de métodos objetivos, o comportamento humano tal como ele se exprime materialmente nas condições de seu ambiente natural e social.

Este autor apoiado numa visão materialista-histórica toma a linguagem enquanto surgida de uma necessidade sentida pelos homens no processo de trabalho de relacionarem-se uns com os outros, ou seja, de comunicarem-se entre si. Assim, como afirmam Marx e Engels, a linguagem

é tão antiga quanto a consciência – a linguagem é a consciência real, prática, que existe para os outros homens e, portanto, existe também para mim mesmo; e a linguagem nasce, com a consciência, da carência, da necessidade de intercâmbio com outros homens (1991, p. 43).

Portanto, as descobertas relativas ao papel da linguagem, trabalhadas por Vygotski fornecem subsídios para as discussões a seguir. Vygotski critica as principais correntes da psicologia contemporânea enfatizando que estas possuem uma tendência ahistórica<sup>3</sup> ao estudar o pensamento e a linguagem, não fazendo nenhuma referência ao seu processo de desenvolvimento. Para ele, nenhuma dessas correntes psicológicas fornecia bases firmes para o estabelecimento de uma teoria unificada dos processos psicológicos superiores. Ressaltando a inadequação dos enfoques metodológicos e teóricos adotados pela psicologia dessa época, construiu uma psicologia de base marxista, uma vez que as abordagens tradicionais fragmentavam a realidade, não apresentando condições de explicar a totalidade da realidade humana. Rejeita as posições objetivista e a subjetivista, propondo uma psicologia dialética<sup>4</sup> ao defender uma abordagem mais globalizante das relações humanas e não apenas teorias e modelos formais de fragmentos de coisas.

Ao que se pode perceber, Vygotski, propõe uma ruptura epistemológica, uma unidade dialética entre sujeito e objeto, mediada pela realidade histórico-social. Idéia essa que pode ser melhor expressa nas palavras de Freitas: “a linguagem passa a ser percebida como fundadora de uma nova relação do homem consigo mesmo e com o mundo. Vygotsky fala da linguagem como constituidora do pensamento e do sujeito, mostrando que é pela linguagem que o indivíduo ascende à humanidade” (2001, p.171).

De um modo particular, Morato (1996) acentua a importância das contribuições Vygotskianas para as discussões atuais sobre a linguagem e o processo cognitivo. Segundo a autora, as idéias de Vygotski nos indicam que a interação social e o processo educacional são o motor da transformação da cognição humana.

Vygotski foi um autor de renome do início do século XX que ao se interessar pelos processos mentais, pelo funcionamento da psique humana, engajou-se na discussão sobre a crise que se estabelecia na psicologia da época. Aspectos de sua obra foram criticados ou superados por seus intérpretes e colaboradores. Mesmo assim, suas idéias são de peso nas atuais discussões no campo da educação e da psicologia. Sua obra foi esboçada nas primeiras décadas do século passado e interrompida precocemente, dada sua morte prematura. Trabalhou a questão da linguagem como fator primordial para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, a linguagem como um fenômeno histórico-social. Para Vygotski, o uso da linguagem constitui-se na condição mais importante do desenvolvimento das estruturas psicológicas superiores da criança. A interiorização dos conteúdos historicamente determinados e culturalmente organizados se dá por meio da linguagem, primeiro num nível social depois individual. Na sua teoria, a linguagem recebe lugar de destaque, como elemento de mediação e como prática social caracteriza-se como o sistema simbólico de todos os grupos sociais.

Veer & Valsiner enfatizam o florescimento das idéias de Vygotski nos dias atuais, afirmando que “[...] mais de cinqüenta anos depois de sua morte, as idéias de Vygotski estão se tornando muito conhecidas no mundo científico – um processo que ainda não foi compreendido inteiramente” (1999, p.30).

Cabe ressaltar que são muito recentes as discussões sobre os postulados de Vygotski no Brasil, e apenas há pouco tempo vêm surgindo as primeiras interpretações sobre a obra deste estudioso, na direção da superação de suas limitações, assim como o reconhecimento de suas contribuições para a educação.

Portanto, a concepção Vygotskiana considera o ser humano como essencialmente social e histórico, o qual nas relações com os outros homens, em uma atividade concreta intermediada pela linguagem, se constituem enquanto sujeitos concretos e reais.

REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1997.
- FREITAS, M.T. **Vygotsky e Bakhtin. Psicologia e educação; um intertexto**. 2ª edição, São Paulo: Ática, 1996.
- MARX, K & ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 8ª edição. São Paulo: Hucitec, 1991.
- MORATO, E. M. **Linguagem e cognição. As reflexões de L.S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem**. São Paulo: Plexus, 1996.
- OLIVEIRA, M.K. de. **Reviravolta lingüístico pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 1996.
- VEER, R.V.D.; VALSINER, J. **Vygotsky uma síntese**. São Paul: Loyola, 1999.
- VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

NOTAS

- <sup>1</sup> Mestre, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, erossetto@unioeste.br
- <sup>2</sup> Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934) nascido em Orsha, formado em direito, filologia e medicina. Estudou temas como a psicologia, a pedagogia, a literatura, entre outros. Dedicou-se a construção de uma psicologia dialético-marxista na procura da superação das concepções idealistas e mecanicistas e, sobre o que estudou o desenvolvimento da linguagem e do pensamento, do psiquismo humano e dos processos histórico-sociais de construção da mente humana.
- <sup>3</sup> Aqui a idéia de tendência ahistórica se refere a toda e qualquer análise que não leve em conta os determinantes históricos presentes nos fenômenos sociais.
- <sup>4</sup> A dialética é uma metodologia própria das ciências sociais pelo fato de que, uma vez ligada à historicidade da realidade social, a qual tem o conflito social como a estrutura da história humana, exclui a possibilidade de um questionamento lógico em torno dos objetos das ciências naturais, como, por exemplo, perguntar-se sobre a historicidade de uma pedra. Assim, somente os fenômenos tipicamente históricos é que podem ser tratados dialeticamente.